Fernando Molica

De azul, Tarcísio de Freitas preocupa Lula

Por mais que queiram a condenação e prisão de Jair Bolsonaro (PL), o presidente Lula (PT) e aliados sabem que o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), será um adversário difícil de ser batido em 2026.

Ainda que se esforce para se mostrar fiel ao ex-presidente, Tarcísio transita numa faixa mais ampla, menos identificada com o ardor de viés religioso que cerca o ex-capitão. Não é à toa que partidos do Centrão vibram com a possibilidade de ter o governador como candidato — veem nele o nome capaz de manter o eleitorado de extrema direita, de agregar setores mais equilibrados e de personificar algo equivalente à quadratura do círculo, um bolsonarismo não radical.

Essa capacidade de Tarcísio é o que mais preocupa o Planalto. Seu perfil, em tese, tiraria a chance de Lula, a exemplo do que fez em 2022, apresentar-se ao eleitorado como alguém mais moderado que o adversário. Num país ainda polarizado, sai na frente aquele que demonstrar maior capacidade de aglutinar quem não está fechado com um lado ou com o outro.

A grande dificuldade de Tarcísio é de equilibrar uma suposta moderação com a necessidade de continuar a alimentar o ódio das hostes bolsonaristas, que tende a crescer com as prováveis decisões adversas do Supremo Tribunal Federal.

Até aqui, o governador tem conseguido fazer o papel do macaquinho que, segundo o grande João Saldanha, namorava a girafa: subia o pescoço da amada para sapecar um beijinho em sua boca e descia correndo para pegar numa de suas patinhas.

Visto com desconfiança pelos bolsonaristas-raiz, Tarcísio alterna momentos de civilidade — se reúne com Lula, assina acordos com o governo federal — com exibições de posições na linha pega-mata-come: mantém Guilherme Derrite à frente da secretaria de Segurança Pública, defendeu Bolsonaro no STF e marcou presença nos atos pró-anistia de acusados e condenados pela tentativa golpista.

A camisa azul da seleção brasileira usada pelo governador nessas manifestações exemplifica bem a dualidade. Ele fez questão de usar a vestimenta apropriada pela extrema direita, mas não em sua versão clássica, amarela. Como na velha canção, Tarcísio vestiu azul, o uniforme reserva, praticamente uma metáfora de sua situação no bolsonarismo.

A aposta é arriscada, mas ele parece não ter outra saída. Seria arriscado tentar procurar se mostrar como terceira via, a menos que Bolsonaro, impedido de disputar a eleição, force a barra para impor uma candidatura da família, a mulher, Michelle, ou o filho Eduardo.

Nesse caso, Tarcísio tende a optar pela busca da reeleição ao Palácio Bandeirantes, o problema será resistir às pressões para que, mesmo assim, aponte seu foco para o Planalto: por mais que não gostem de Lula, empresários, em especial do mercado financeiro, preferem não encarar um novo ciclo bolsonarista no comando do país.

Fiel aos seus princípios, o Centrão também rejeita a mulher e filhos do ex-presidente — detesta sustos, freios de arrumação e cavalos de pau; mudanças bruscas que prejudicam a tranquilidade necessária para a política e para os negócios. Graças à apatia de Bolsonaro para atividades-fim da Presidência, partidos do grupo conseguiram mandar no governo anterior, mas se sentiriam muito mais tranquilos num ambiente menos tensionado.

Até aqui, Tarcísio mantém o discurso de que vai se procurar renovar seu mandato de governador e trata de ajeitar alguns detalhes. Perdeu mais de 20 quilos, trata de levar a mulher, Cristiane Freitas, para participar de eventos. Sabe que a imagem de casal unido e feliz é importante numa eleição.

Como quem não quer nada, finge que acompanha a disputa pelo Planalto como quem come pipoca na arquibancada. Mas está pronto para entrar em campo — veste azul, mas, diferentemente do personagem da música de Ary Barroso, sabe que não pode botar fogo na camisa amarela.

Leonardo Boff*

Resgate do recalcado: a consciência profunda

Indubiltavelmente entre as tantas crises que assolam nossa civilização atual a crise da consciência ética e moral é uma das mais graves. Há analistas que consideram o eclipse da ética uma das causas principais dos impasses atuais, da desesperança e da angustiante pergunta: A seguir o curso atual que recalcou a consciência ética e com isso o sentido de corresponsabilidade por "uma comunidade global de destino comum para toda a humanidade" para usar ums feliz expressão frequente na boca de Xi Jingping da China, nos poderá, por nossa culpa, levar a uma gravíssima situação, eventualmente final de nossa existência nessse planeta.

Não pretendemos aprofundar esta linha de pensamento com toda a plausabilidade que ela contém. Nosso propósito é mais singelo: em momentos de gravosa perplexidade, da erosão de utopias esperançadoras e das incertezas aobre que destino nos espera, urge voltar aqueles dados mínimos de onde surge a consciência ética e redizê-los para o nosso momento atual.

Tomo como referência dois conceitos gregos, pois, foi na Grécia, no seio de uma grande crise de passagem de uma visão mítica do mundo para uma visão racional com os grandes filósofos como Platão e Aristóteles e os teatrólogos como Sófocles, Eurípides e Ésquilo, que se elaborou a filosofia e o pensamento ético, válidas ainda hoje. As categorias são griegas mas tocam um valor universal: o "daimon" e o "Ethos".

De saída cabe aclarar que "daimon" não tem nada a ver com o demônio. Ao contrário, é o anjo bom e protetor. O "daimon"para os gregos clássicos é sinônimo da consciência profunda e interior (syneídesis) aquela voz que nunca se cala, como um juiz que nos conclama para o bem e nos produz má consciência pelo mal que fizermos. Ela pertence à natureza humana tanto quanto a inteligência e a vontade.

Sócrates que sempre se deixava orientar por ele, o chama de "voz profética dentro de mim, proveniente de um poder superior" ou também de "sinal de Deus". Mais tarde o grande pensador Sêneca considerava a consciência interior a sede onde habita Deus (prope est a te Deus, tecum est,intus est). Filon de Alexandria, também grande filósofo via na consciência a presença do Divino na alma.

O fato é que o "daimon"--consciência significa aquela voz da interioridade que sempre nos acompanha. Não está em nosso poder calá-la.O criminoso ou corrupto – e há tantos entre nós – podem fugir para longe, esconder-se da justiça, mas está sempre sendo aguilhoado pelo juiz interior que o condena pelo malfeito e que não o deixa tranquilo. Ou aquele sentimento vivo e profundo que aplaude o gesto de generosidade que tivermos feito para com o faminto da rua. Todos são portadores do "da consciência-daimon"pelo simples fato de sermos humanos com espírito, subjetividade (o nosso profundo) e com livre arbítrio, homens e mulheres, capazes de fazer coisas hediondas (mesmo a mais ocultas) ou coisas honradas que nos gratificam.

"Ethos" é outro conceito grego donde nos vem a palavra ética. Ethos significa a morada humana, não simplesmente o edifício material. A moradia deve ser entendida existencialmente como aquele espaço trabalhado por nós, que nos protege, dentro do qual vivemos e convivemos, distribuimos todos os espaços, o lugar da sala de visita,os quartos de dormir, a cozinha e a dispensa.

Toda morada-ethos deve ter a sua aura boa que nos faz sentir "em casa", especialmente quando retornamos do trabalho ou de uma viagem. A ela pertence o cantinho sagrado(o lugar da deusa Héstia, protetora da morada), onde guardamos fotos e memórias queridas,a vela que arde ou os santos de nossa devoção. Ao ethos-moradia pertencem os cuidados e a boa relação para com os vizinhos.

Heráclito, genial filósofo pré-socrático (500 a.C), uniu as duas palavras no aforismo 119: "o ethos é o daimon do ser humano" vale dizer, "a casa é o anjo protetor do ser humano". Esta formulação esconde a chave para toda uma construção ética em termos simples e práticos, válida para nossos tempos sombrios.

Ser fiel a esse anjo bom faz com que moremos bem na casa, a individual, a cidade, o país e o planeta Terra, a Casa Comum. Tudo que fizermos para que se more bem juntos (felicidade) é ético e bom, o contrário é anti-ético e mau.

No entanto há uma espécie de tragédia em nossa história: o "daimon" foi praticamente recalcado e esquecido. Em seu lugar, os filósofos antigos referidos ou os modernos como a moral cristã ou como Kant e outros, colocaram sistemas éticos, com princípios e normas morais, não raro, tidas como válidas para todos, desconsiderando a singularidade de cada cultura e a mudança dos tempos. Mas, independente destes fatores cambiantes, a voz do anjo bom não deixa de falar e de se fazer sentir independemente de nossa vontade, mesmo quando é confundida com as mil outras vozes, que se fazem ouvir na sociedade. Se quisermos uma revolução ética duradoura devemos liberar o "daimon"-consciência, coberto de cinzas do nosso egoismo, do consumismo e do espírito de maledicência e de brutalidade nas relações pessoais e sociais. Para desmontar nosso paradigma inumano por um novo libertador devemos começar a auscultar o "daimon" de novo e tomar a sério o "Ethos", como casa não só pessoal mas planetária. No termo, é o bom senso ético. Ele nos sugerirá como ordenar a casa que é a cidade, o Estado e a Casa Comum planetária. Não temos outra saída.

Escutar o "daimon" e cultivar o "Ethos" que afetam cada pessoa, universalmente, podem trazer alguma paz geral e fazer surgir uma atitude de respeito para com a natureza e uma ética do cuidado da Casa Comum. Isso nos poderá salvar. Então poderá irromper uma reconciliação geral entre os humanos e com a natureza.

***Leonardo Boff escreveu "A busca da justa medida I e II: como equilibrar o planeta Terra", Vozes 2024.**

EDITORIAL

Onde vamos parar?

Nas últimas semanas, os holofotes digitais se voltaram para a separação de Virginia Fonseca e Zé Felipe. Antes disso, a coroação de Virginia como rainha de bateria da Grande Rio foi o tema dominante. E, como em um looping infinito, as redes sociais seguiram girando em torno de nomes, polêmicas e episódios que, embora embalem manchetes e provoquem reações acaloradas, pouco ou nada acrescentam ao debate público essencial.

Não se trata aqui de desmerecer pessoas ou histórias. A cultura pop tem seu valor e cumpre um papel social. Mas a reflexão que se impõe é sobre a balança cada vez mais desequilibrada da atenção coletiva. Como sociedade, estamos canalizando nossa energia — e audiência — para o efêmero, para o fútil, para o que, ao final do dia, não nos torna mais conscientes, informados ou preparados para os desafios que nos cercam.

As redes sociais se consolidaram como as maiores vitrines do comportamento humano. São plataformas de expressão, mas também de distração. Os algoritmos, desenhados para premiar o engajamento, acabam premiando o que mais provoca, choca ou entretém — e não necessariamente o que mais importa. Enquanto milhões comentam a vida pessoal de influenciadores, tragédias humanitárias seguem à margem do feed. Guerras, fome, educação precária, mudanças climáticas e decisões políticas cruciais são engolidas pelo buzz do momento.

Imagine se metade dessa mobilização digital se voltasse para causas sociais, para o combate à desigualdade, para a defesa da democracia, para o incentivo à leitura e à formação crítica. Imagine se os milhões de comentários fossem sobre projetos de lei, orçamento público, educação básica, saúde pública. Imagine o país que construiríamos.

Mas a responsabilidade não é só das plataformas ou dos influenciadores. É nossa, como consumidores de conteúdo, como cidadãos. Precisamos urgentemente rever o que escolhemos assistir, compartilhar, comentar. A audiência tem poder — e, com ela, vem a responsabilidade de construir um debate mais rico, mais profundo e mais útil para o futuro coletivo.

Enquanto seguimos mergulhados no conteúdo "vazio", é preciso perguntar: aonde vamos parar? Porque se não redirecionarmos o olhar, corremos o risco de estarmos bem informados sobre tudo — menos sobre o que realmente importa. E, nesse caso, o preço do entretenimento pode ser a própria consciência.

Proteção de Dados

Ninguém joga documentos pessoais no meio da rua. Ninguém deixa cópia do RG pendurada na porta de casa. Então, por que os dados digitais deveriam ser tratados como se eles não fossem tão valiosos assim?

A Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) compreendeu que esse tema é de valiosa importância. A CLDF criou, na segunda-feira (2), o Comitê Gestor de Proteção de Dados Pessoais (CGPD), responsável por colocar de pé, dentro da Casa, as regras da Lei Geral de Proteção de Dados, a famosa LGPD. E, para não restar dúvidas, também nomeou um servidor para ser a autoridade responsável por proteger esses dados e intermediar a relação com a Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD).

E por que isso importa? Simples. Vivemos na era dos dados. Desde o cadastro na farmácia até o uso de redes sociais, tudo o que fazemos gera informação. E, por incrível que pareça, esses dados são mais valiosos que muito ouro por aí. Sem uma lei, sem regras claras, estaríamos entregando nossa vida de bandeja para quem quisesse — de golpistas a grandes empresas.

A LGPD é recente, mas já transformou o cenário brasileiro. A ANPD, que regula o tema, já analisou mais de 500 incidentes de segurança e aplicou sanções. Só em 2024, lançou guias, normas e até participou de debates internacionais sobre proteção de dados. Não é exagero dizer que, sem essa regulação, estaríamos na idade da pedra digital.

O CGPD da CLDF surge, portanto, como um passo necessário. Porque proteger dados não é burocracia: é proteger a privacidade, a vida e até a segurança das pessoas. Num mundo onde até inteligência artificial entra no jogo, ignorar isso é como deixar a porta aberta e sair de casa torcendo para ninguém entrar.

Opinião do leitor

Simplesmente viva!

O Dia do Meio Ambiente, 5 de junho, nos faz refletir sobre o planeta que estamos deixando para as próximas gerações. Ou ainda não nos damos conta do tamanho da crise ecológica que as novas gerações herdarão pela irresponsabilidade com que tratamos o meio ambiente? Proteja o meio ambiente, ele está pedindo socorro.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

Correio da Manhã
O "Conde Zeppelin" atingirá hoje o Brasil

HÁ 95 ANOS: CONDE ZEPPELIN CHEGA A CAPITAL CUBANA

As principais notícias do Correio da Manhã em 2 de junho de 1930 foram: Conde Zeppelin chega a Cuba, de onde partirá, dpeois, para os EUA e de lá seguir para a Alemanha; comandante Hugo Eckner disse que na próxima visita oa Brasil descerá para o Sul do país e estenderá a viagem até Buenos Aires. Aviador Mermoz, que fez a travessia comercial do Atlântico, volta ao Rio após visitar países da Bacia do Prata.

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES VISITA O CORREIO DA MANHÃ

As principais notícias do Correio da Manhã em 2 de junho de 1950 foram: Eduardo Gomes visita o Correio da Manhã. Inaugurado o comitê da candidatura do brigadeiro. Criado mais um comitê estudantil a favor do candidato da UDN. Japão deseja assinar acordo de paz com os países do Ocidente. Volta o "pequeno bloqueio" em Berlim. Truman pede que países assumam um lado na divisão mundial.

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.